

COMO NASCEM AS ETNOGRAFIAS? Um estudo de campo de uma etnógrafa autista na cena da cultura de baile/*ballroom* em Goiânia/GO

HOW ARE ETHNOGRAPHIES BORN? A field study by an autistic ethnographer in the ballroom culture scene in Goiânia/GO

Brendaly Santos de Freitas Januário¹

Resumo

Neste artigo, analiso as contribuições das/os interlocutoras/es no desenvolvimento do meu trabalho de campo na cena da Cultura de Baile/*Ballroom*, na cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás. Por meio da minha corporalidade, apresento o desenvolvimento da minha produção acadêmica, que denominei de etnografia autista. Assim, minha experiência em campo também foi produto de análise. Para fundamentar este trabalho, utilizei a teoria da antropóloga Jeanne Favret Saada (2005), em seu artigo “Ser afetado”, trazendo a minha vivência em campo como etnógrafa autista exposta a inúmeros estímulos sensoriais, como barulhos, luzes, superlotação, entre outros. Dessa forma, discuto como as redes de afeto e os suportes influenciaram o desenvolvimento do meu trabalho de campo e a minha experiência como pesquisadora.

Palavras-chave: Etnografia autista; Autismo; Redes de afeto; Vivências

Abstract

In this article, I analyze the contributions of my interlocutors to the development of my fieldwork within the Ballroom/Baile Culture scene in the city of Goiânia, capital of the state of Goiás. Through my own corporality, I present the development of my academic production, which I refer to as autistic ethnography. Thus, my field experience also became an object of analysis. To ground this work, I draw on the theory of anthropologist Jeanne Favret-Saada (2005) in her article “Being Affected,” bringing in my lived experience in the field as an autistic ethnographer exposed to numerous sensory stimuli such as noise, lights, overcrowding, among others. In this way, I discuss how networks of affect and forms of support influenced the development of my fieldwork and my experience as a researcher.

Keywords: Autistic ethnography; Autism; Networks of affect; Lived experiences

¹ Doutoranda em Antropologia Social (UFG), mestre em Sociologia (UFG), bacharel em Direito pelo Centro Universitário de Goiás - UNIGOIÁS. É pesquisadora do LEX - Laboratório de Experimentações Etnográficas e Marcadores Sociais da Diferença desde 2022. Estudosa das áreas de Identidade de Gênero, Transgêneridade, performances culturais e dos estudos sobre as deficiências, como o Transtorno do Espectro Autista. Dissertação produzida "Entre Mães, Filhas, Casas e Autismo: uma etnografia autista da cena da Cultura de Baile/*Ballroom* em Goiânia/GO, sob o olhar de uma socióloga no Espectro Autista". Contato: brendaly@discente.ufg.com

INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido como produto de um trabalho final na disciplina de doutorado “Seminários Avançados da Antropologia Contemporânea”, ministrada pela docente Camila Mainardi² no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (UFG), no segundo semestre de 2024. Nesta disciplina, analisamos e debatemos a produção das etnografias nas Ciências Sociais, concentrando os estudos na área da Antropologia Social.

Pelo fato de termos experiências com os nossos próprios estudos de campo, a ideia era a de aprofundarmos na teoria etnográfica a fim de adquirirmos um maior arcabouço teórico para a produção de nossas teses de doutorado. Durante os debates ao longo da disciplina houve trocas sobre nossas vivências em campo, momentos de escutas, críticas construtivas e ensinamentos entre as/os discentes que, certamente, nos empoderaram para o processo de produção de nossas etnografias a serem apresentadas em formato de teses de doutorado.

A partir dos materiais selecionados e dos debates realizados em sala de aula, iniciei uma reflexão dos estudos de campo que já vinha desenvolvendo ao longo do mestrado em Sociologia, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS na UFG. Durante a minha imersão em campo ao longo do mestrado, pesquisei sobre a cena da Cultura de Baile/*Ballroom* na cidade de Goiânia/Go e a minha perspectiva de *etnógrafa autista*, inserida neste ambiente com muitos barulhos, luzes, interações sociais, superlotação, estímulos sensoriais, entre outras sensações que podem desestabilizar uma pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista.

Desse modo, para a produção desta etnografia pude contar com o apoio de minha interlocutora mais próxima chamada Andreia³ e de outras pessoas que contribuíram diretamente para o meu suporte⁴. Todavia, neste artigo, quero enfatizar o suporte de minha interlocutora no desenvolvimento de minha dissertação e a finalização do meu campo com êxito. Este enfoque se dá pelo contexto que eu estava inserida em campo e pelo fato de ter sido diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista – nível 1 de suporte durante a minha pesquisa na cena da Cultura de Baile.

²Docente da Faculdade de Ciências Sociais – FCS e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS da Universidade Federal de Goiás. Atualmente é pesquisadora do IMPEJ, núcleo de Etnologia Indígena do PPGAS-UFG e auxilia o Centro de Estudos Ameríndios (CEstA-USP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6137697906837769>.

³Os nomes das minhas interlocutoras foram modificados para garantir o anonimato e a confidencialidade das/os integrantes da cena da Cultura de Baile em Goiânia/Go.

⁴Apesar de todos os nomes citados em minha dissertação terem sido reverenciados, quero novamente agradecer à banca de defesa, ao meu orientador Dr. Carlos Eduardo Henning e demais pessoas que contribuíram para a minha formação.

Logo, a minha corporalidade também fez parte da análise e campo, visto que, todos os estímulos sensoriais afetavam a minha perspectiva e me geravam gatilhos, como as crises de *shutdown*⁵, *meltdown*⁶, sendo inclusive inseridas na escrita de minha dissertação. Além do mais, eu precisava de suporte em momentos de crises devido aos estímulos visuais presentes na cena da Cultura de Baile. Em todos os momentos que necessitei de auxílio, a minha interlocutora se mostrou sensível às minhas queixas e aos gatilhos que poderiam me causar uma sobrecarga sensorial.

Durante a discussão dos textos dadisciplina aqui referida, percebi que diversas/os interlocutoras/es recebiam destaque nas pesquisas que estavam sendo realizadas. Desse modo, foi abordado durante as aulas, o papel da/o etnógrafa/o durante a pesquisa de campo e quais os modos de realizarmos etnografia para a escrita de nossas teses de doutorado.

Na época de escrita da minha dissertação, me recordo de uma queixa particular ao meu orientador sobre qual teoria o meu campo se encaixava, visto que, ao mesmo tempo que não participava da Cultura de Baile com performances ou estava ligada a alguma *house*⁷, o meu corpo encontrava-se em cena e estava em constante análise de campo. Portanto, as minhas incertezas giravam em torno da seguinte questão: eu produzia uma etnografia ou uma autoetnografia? No primeiro caso, sentia que estava sendo leal ao campo, pois não era integrante da Cultura de Baile, mas ao mesmo tempo desconsiderava as minhas sensações e crises em campo de uma pessoa autista. Na segunda hipótese, me sentia uma farsa por não participar diretamente da Cultura de Baile e não pretendia ocupar um espaço que não era meu.

Ao levar esses questionamentos na ocasião da defesa da dissertação de mestrado, a banca sugeriu que a minha etnografia era única considerando local que eu ocupava. Se tratava, então, de uma *etnografia autista*. Sobre esse meu embaraço e a resolução deste conflito, discutirei mais adiante quando for analisar as etnografias contemporâneas e o papel das/os interlocutoras/es no trabalho de campo.

⁵ Em minha dissertação de mestrado “Entre Mães, Filhas, Casas e Autismo: uma etnografia autista da cena da Cultura de Baile/Ballroom em Goiânia/GO, sob o olhar de uma socióloga no Espectro Autista”, descrevi a crise de *shutdown* da seguinte maneira: “Palavra que poderia ser traduzida do inglês como “desligamento” ou o “ato de desligar algo”), geralmente ocorre após longos períodos de interação social e/ou sobrecarga de interações sociais”. (JANUÁRIO, 2025, p. 84)

⁶ A crise de *meltdown* também foi traduzida em minha dissertação, citada em nota anterior: “No meu caso, por exemplo, o meu *meltdown* (palavra que poderia ser traduzida do inglês como “colapso”) se configura com momentos de irritação e caso eu tenha o aumento dos sintomas eu entro em um estado de raiva, choro e confusão”. (JANUÁRIO, 2025, p. 84)

⁷ As *houses* são locais de acolhimento a jovens LGBTQIAPN+, integrantes da Cultura de Baile. De acordo com Silva (2022), as *houses* surgiram nos Estados Unidos, na década de 70 (com raízes anteriores, nos anos de 1960) com a *queen Crystal LaBeija*.

A fim de interligar as temáticas que serão discutidas neste artigo com os textos discutidos em sala de aula, trago a teoria da antropóloga Jeanne Favret Saada (2005) apresentada em seu artigo “Ser afetado” (traduzido por Paula Siqueira), o qual discute o seu trabalho de campo sobre feitiçaria em Bocage francês. Neste trabalho, a antropóloga versa sobre as redes de afeto e os modos como o trabalho de campo afetam a/o pesquisadora/r. De maneira semelhante, fui afetada na cena da Cultura de Baile e a sensibilidade de minha interlocutora de campo, que também se tornou a minha rede de afeto, me trouxe suporte para desenvolver uma *etnografia autista*.

Dialogando com o “Ser afetado”, trago o artigo da antropóloga Suzane de Alencar Vieira⁸, “Força e vulnerabilidade: lições de etnografia e de feitiçaria de Jeanne Favret-Saada” (2021). Trago um texto argumentativo de Favret Saada (2005) com a intenção de provocar outras reflexões, além da minha, sobre essa forma de realizar etnografia.

Ademais, para trazer embasamento teórico do que produzi durante o meu trabalho de campo no mestrado em Sociologia e da minha produção acadêmica que denominei como *etnografia autista*, apresentarei os conceitos de antropólogas que contribuíram para a teorização da minha etnografia. Dentre elas, apresentarei a antropóloga Anahí Guedes de Mello (2019), a qual discute e analisa a sua vivência em campo como antropóloga surda, trazendo uma autoetnografia ciborgue, em referência ao seu dispositivo de surdez.

A antropóloga Ana Clara Damásio (2022) será mencionada com o seu trabalho de campo no mestrado de Antropologia Social na UFG, produzindo uma pesquisa entre as suas “parentes-interlocutoras” em Canto de Buriti – PI, elaborando uma *etnografia de aproximações*. Para a produção deste artigo, a pesquisa de Ana Clara Damásio (2022) também será relevante pelos percalços que a antropóloga percorreu para estabelecer diálogo com as suas interlocutoras.

Devido a minha corporalidade estar em cena, creio ser essencial posicionar os marcadores sociais da diferença que me atravessam e os que me colocam em *status* de privilégio social. Sou uma mulher, branca, lésbica e uma pessoa com deficiência (autista – nível 1 de suporte). Pelo fato de trabalhar com estudos sobre gênero, sexualidade e deficiência e por pertencer a esses grupos minoritários, desde a minha pesquisa de campo, procuro trazer acessibilidade, cuidado e o devido destaque a esses grupos que recebem pouco destaque.

⁸ Suzane de Alencar Vieira é professora da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na UFG. É doutora em antropologia social pelo Museu Nacional da UFRJ e mestre em antropologia social pela Unicamp. Pesquisa conflitos ambientais, controvérsias das tecnociências nucleares, conhecimento ecológico e resistência política de comunidades campesinas e quilombolas em Caetité-BA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5311157252579292>.

Assim, para ser acessível com as pessoas de deficiência visual, embaixo de cada imagem terá a seguinte frase: “Para que todas/os vejam” e descreverei os elementos presentes nas imagens com o máximo de detalhes que eu conseguir apresentar. A fim de subverter as regras gramaticais usarei primeiramente os pronomes femininos para dar destaque às mulheres, para isso me inspirei na pesquisa de campo de Samuel Douglas Farias Costa⁹ (2024) e nas conversas informais entre as/os orientandas/os do professor Dr. Carlos Eduardo Henning. Todos os pronomes das/os interlocutoras/es descritos neste artigo foram respeitados, bem como as suas identidades de gênero. Neste trabalho, tenho o intuito de dar o devido protagonismo às/aos interlocutoras/es que normalmente não recebem a devida relevância nas pesquisas de campo.

APROXIMAÇÕES E CONTEXTUALIZAÇÕES DO CAMPO

Nesta seção contextualizarei brevemente a minha pesquisa de campo, como ocorreram os primeiros contatos com minhas interlocutoras e o meu diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista – nível 1 de suporte. Para isso, começarei narrando, a partir de adaptações do meu diário de campo, as primeiras interações que tive com a comunidade da Cultura de Baile, na cidade de Goiânia/Go. Este relato, também pode ser encontrado em minha dissertação de Mestrado “Entre Mães, Filhas, Casas e Autismo: uma etnografia autista da cena da Cultura de Baile/*Ballroom* em Goiânia/GO, sob o olhar de uma socióloga no Espectro Autista”. (JANUÁRIO, 2024)

Em dezembro de 2022, me juntei ao Ser-Tão, um Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Na época, o grupo era liderado pelo professor Dr. Luiz Mello e pela professora Dra. Eliane Gonçalves. A minha intenção era de ter um contato mais próximo aos estudos das Ciências Sociais, com o foco em gênero e sexualidade. Esta aproximação foi incentivada por meu orientador, em decorrência da minha transição de área: eu passava da formação em Direito para uma formação em Ciências Sociais.

O grupo estava sendo reestruturado, tendo ficado longos períodos sem reuniões frequentes após a pandemia da Covid-19. Assim, nos primeiros encontros estávamos discutindo ideias para aproximar estudantes de graduação e pós-graduação da UFG e apresentarmos o núcleo de estudos Ser-Tão. Para isso, pensávamos na realização de uma festividade dentro da universidade. Foi então que uma das integrantes do grupo, que também acabara de entrar para o

⁹ Agradeço ao meu colega por disponibilizar seu trabalho e pelas trocas que tivemos nas reuniões de orientação.

Ser-Tão, sugeriu que realizássemos uma Cultura de Baile na UFG. A proposta foi aceita por todas as pessoas presentes, assim iniciamos os preparativos para a organização do evento.

Essa nova integrante, juntamente com sua amiga ficaram responsáveis por convidar as/os participantes da Cultura de Baile em Goiânia/Go, visto que elas também integravam a cena. A fim de respeitar o anonimato e suas identidades de gênero, descreverei cada uma delas, utilizando os codinomes de Ariel e Andreia. Na época de escrita da minha dissertação, Andreia se identificava com a identidade de gênero não-binária, todavia, na entrega da versão final da dissertação ela estava passando por um processo de transição e passou a se identificar como travesti. Por isso, na época que nos conhecemos ela não tinha preferência pelos seus pronomes, contudo eu me referia à Andreia com os pronomes Ela/Dela, pelo fato dela ser chamada assim por suas amigas. A Andreia é uma pessoa negra, possuía 20 anos na época que nos conhecemos na minha pesquisa de campo.

Já Ariel, é uma pessoa negra, não-binária e possui preferência pelos pronomes Ela/Dela e Elu/Delu. Também possuía 20 anos na época e é uma pessoa com deficiência, não especificada aqui, por minha opção, para evitar a sua identificação. Tanto Andreia quanto Ariel eram estudantes e estavam regularmente matriculadas na UFG. Por serem integrantes na cena da Cultura de Baile, elas se apresentavam na época como pessoas *007*, essa denominação se dá a integrantes da cena que não estão vinculadas a nenhuma *house* [casa].

Após alguns dias, conversei com um professor que também estava responsável pela organização do evento, que aqui irei chamá-lo de Pedro Porto para evitar a sua identificação. Apresentei a proposta de criarmos um grupo de WhatsApp¹⁰ com Andreia e Ariel para discutirmos os detalhes do evento. Com a criação do grupo e aperfeiçoamento das ideias em conjunto para a realização da Cultura de Baile na UFG, senti mais conectada com elas.

No dia do evento, além das *performances* que seriam realizadas pelas/os integrantes da Cultura de Baile de Goiânia/Go, combinamos de passar o filme *Paris is Burning*, no auditório Lauro Vasconcelos, prédio de Humanidades I, localizado no Campus Samambaia da UFG. *Paris is Burning* é um documentário estadunidense, filmado na década de 80, dirigido por Jennie Livingston e gravado na cidade de Nova York. Seu enredo gira em torno da Cultura *Ballroom*, entre os anos de 1980 e 1990, juntamente com o surgimento das *Houses*, majoritariamente compostas por pessoas negras e latinas das classes populares de Nova York. Além do mais, as *Houses* eram compostas, na

¹⁰ O WhatsApp é um comunicador instantâneo que possibilita o envio de mensagens de texto, voz, imagens, vídeos e documentos, também é possível realizar e receber ligações. Foi criado no ano de 2009 e atualmente faz parte do Meta que também é dono do Instagram e do Facebook. Atualmente possui 2 bilhões de usuários ativos no mundo, sendo que apenas no Brasil, há 147 milhões que o usam regularmente.

maior parte, por pessoas que se identificavam como gays, lésbicas, bissexuais e principalmente transexuais e transgêneros.

Neste documentário, podemos usufruir de entrevistas com figuras importantes da cena *Ballroom* e observamos como eram desenvolvidos os bailes naquela época e região. Apesar deste documentário ser alvo de muitas críticas, temos o privilégio de ter um contato aproximado e cativante das categorias disputadas naquela década em Nova York e o surgimento das *Houses* (casas).

Em minha dissertação, separei algumas linhas para dar o devido reconhecimento ao elenco entrevistado neste filme, pois apesar do documentário ter sido mobilizado como um marco internacional das manifestações culturais, acredito que as figuras entrevistadas não tiveram o verdadeiro prestígio e honra. Deste modo, quero elencar os nomes das verdadeiras estrelas deste documentário: Brooke Xtravaganza, Carmen Xtravaganza, André Christian, Dorian Corey, Paris Dupree, David The Father Xtravaganza, Junior LaBeija, Pepper LaBeija, Willi Ninja, Sandy Ninja, Octavia St. Laurent, Venus Xtravaganza, Angie Xtravaganza, Danny Xtravaganza, Hector Xtravaganza, Kim Pendavis, Freddie Pendavis, Avis Pendavis, Sol Pendavis, entre outras pessoas.

Retornando à narrativa do evento que estávamos organizando da Cultura de Baile dentro da UFG. No grupo de WhatsApp, decidimos que iríamos distribuir pipoca com refrigerante para todas/os que estavam presentes. No dia do evento, eu estava no auditório Lauro Vasconcelos, esperando o documentário ser exibido, acontece que, vejo a Andreia passando de um lado para o outro, com o olhar preocupado e ofegante. Observo que, ela estava distribuindo as pipocas e os refrigerantes sozinha e não tinha nenhuma pessoa auxiliando. Ao me deparar com essa cena, decido ir até a cozinha me oferecer para ajudá-la.

Assim que cheguei na copa da cozinha eu me apresentei à Andreia, pois nunca tínhamos conversado pessoalmente, somente no grupo de WhatsApp criado pelo professor Pedro Porto. Ao me oferecer para ajudá-la, ela me responde da seguinte forma: “Nossa, eu preciso muito de ajuda!” e abriu um enorme sorriso, demonstrando que estava verdadeiramente sobrecarregada. Então, iniciamos o trabalho, que era de estourar a pipoca, colocar em sacos de papel, acomodar nas bandejas e distribuir juntamente com os refrigerantes. Nesse período, conversamos assuntos banais com a intenção de passar o tempo para que não houvesse um período de silêncio e ficasse um clima chato.

É importante frisar que nesse momento eu não tinha a intenção de pesquisar sobre a Cultura de Baile na cidade de Goiânia/Go, o meu propósito era somente de ajudá-la, visto que, eu e o meu orientador já estávamos com a temática sobre o envelhecimento de mulheres trans e

travestis em mente. Apesar da Andreia ser uma pessoa não-binária na época e na entrega da versão final da minha dissertação se identificar como uma travesti, ela é uma pessoa muito jovem e não possuía os atravessamentos do envelhecimento que eu estava empenhada em pesquisar.

Durante um período de conversas um tanto quanto genéricas, devido eu ser péssima em socializar e puxar papo. Isso ocorre porque eu posso dificuldades com a comunicação por conta do Transtorno do Espectro Autista, fazer novas amizades sempre foi um desafio para mim. Depois de um tempo, a Ariel entra na cozinha e pergunta se precisávamos de ajuda. Ela estava introspectiva no começo, pensei que era, talvez, por minha presença, por não me conhecer direito, como eu sou introspectiva e tenho dificuldades de socializar, preferi não forçar um diálogo.

Após uns minutos, ela expressa que precisava tomar café para despertar, visto que estava muito cansada. Uma das minhas características é ser proativa, havia uma máquina de café, dessas modernas que preparava a bebida. Como nunca tínhamos mexido em uma cafeteira assim, nos unimos com o propósito de entender o seu funcionamento. Depois de muito futricar, percebemos que não conseguiríamos e, então resolvemos desistir com receio de estragar a cafeteira. Essa pequena interação, nos proporcionou um momento de descontração e uma oportunidade de nos conhecermos melhor.

Como já havíamos cumprido nossas obrigações de servir a pipoca e o refrigerante, resolvemos voltar para o auditório e assistir o restante do documentário que já começara. Ao entrarmos no local, cada uma de nós foi se sentar em locais diferentes e não demorou muito para o filme acabar. O prof. Dr. Luiz Mello explicou a todas/os presentes que se iniciaria a segunda parte do evento, que eram as *performances* das/os integrantes da cena da Cultura de Baile de Goiânia. Assim, nos dirigimos para o espaço que estava destinado às apresentações, que ocorram no pátio do prédio da Humanidades I, no Campus Samambaia da UFG, há poucos metros de onde estávamos.

Ao chegarmos no local, avistei uma escada que dava acesso a uma espécie de plataforma. Também havia duas rampas de acessibilidade que dava passagem a essa plataforma. Todas as pessoas que estavam presentes para assistir às apresentações ficaram nesse espaço. O local era coberto e bastante amplo, não havia paredes que delimitavam o espaço, por isso foi disponibilizados um microfone e uma caixa de som pela universidade para as apresentações. Esta foi a minha primeira interação com a Cultura de Baile, na cidade de Goiânia/Go.

No pátio estavam as/os integrantes da Cultura de Baile que se preparavam para a apresentação, ou *performance* como preferiam dizer. Havia uma média de vinte pessoas, entre elas, homens gays, pessoas não-binárias, travestis e homens e mulheres trans. Decidi me juntar ao

público para assistir as *performances*, fiquei na rampa de acessibilidade pelo fato de a escada estar lotada e com pouca visibilidade. Como era o meu primeiro contato com a Cultura de Baile, informei ao meu orientador que estávamos organizando este evento na universidade, por sua vez, ele me orientou a registrar tudo e posteriormente fazer anotações em meu diário de campo das manifestações culturais que ocorressem naquele espaço.

Figura 1: Evento da Cultura de Baile/*Ballroom* realizada no pátio Humanidades I, Campus Samambaia UFG na noite do dia 12 de dezembro de 2022.



Fonte: fotografia registrada por Flávia Lima.

Para que todas/os vejam: Na foto há pessoas performando e ao redor delas/es estão as/os integrantes da Cultura de Baile/*Ballroom*. O público que assiste está sentado em uma escada e eu estou em pé de amarelo na rampa de acesso registrando o momento.

Ao iniciarem as apresentações, resolvi colocar em prática as instruções dadas pelo meu orientador, através do registro do meu celular. Todavia, me senti apreensiva de registrar o momento, era como se eu estivesse fazendo algo errado ou que todas as pessoas estavam me observando. Esse sentimento de inadequação sempre me acompanhou, por isso eu observava as

pessoas na tentativa de agir como elas. As pessoas estavam batendo palmas, eu deveria bater também? Ficar filmando e bater palmas ao mesmo tempo era praticamente impossível, então eu filmava por um tempo, guardava o celular, aplaudia, pegava o celular e filmava novamente... Eu estava me sentindo deslocada, mesmo assim cumpri o papel que estava disposta a fazer, dentro da minha realidade.

O local estava extremamente quente, não sei se as outras pessoas estavam sentindo a temperatura como eu sentia. Com o tempo, descobri que pessoas autistas são sensíveis a temperaturas, sempre sinto muito frio ou muito calor. Costumo brincar que é como se o meu termostato estivesse “quebrado”. Na época desse relato eu ainda não havia sido diagnosticada com TEA, o meu processo de diagnóstico ocorreu ao longo da minha pesquisa de campo. Grande parte da busca pelo diagnóstico ocorreu devido aos estímulos sensoriais que enfrentei nos bailes e que me desencadearam diversas crises. O suporte das minhas interlocutoras foram fundamentais para que eu me sentisse acolhida na Cultura de Baile em Goiânia/Go.

As minhas primeiras impressões da cena da Cultura de Baile foram de admiração e surpresa pela complexidade dos movimentos reproduzidos nas chamadas “batalhas”. Infelizmente, o microfone cedido pela universidade estava chiando muito, logo, as falas proferidas pela *chanter*¹¹ estavam incompreensíveis. Assim, me restava prestar atenção no que eu enxergava, já que a audição estava comprometida pela falha dos equipamentos. As disputas ocorriam em categorias, as/os integrantes performavam e disputavam entre elas e eles.

Essas disputas me recordavam as batalhas que ocorriam de *hip hop*, mas na área da dança/*performance* e com movimentos característicos da cena da Cultura de Baile. As/os integrantes que não estavam performando (se apresentando), formavam uma espécie de roda em volta das/os participantes daquela categoria. No meio das apresentações a *Chanter* enunciava uma espécie de texto cantado: -Eu disse um, eu disse, eu disse dois, eu disse, eu disse três e segura essa pose para mim! Nessa hora, a pessoa que estava se apresentando parava em uma determinada pose. Além disso, eu fiquei perplexa com a complexidade dos movimentos e pelo fato da performance ser extremamente técnica.

Após algumas categorias serem disputadas, o evento encerrou com um convite para que todas as pessoas que estavam presentes prestigiassem outros bailes da cena da Cultura de Baile, na cidade de Goiânia/Go. Assim, eu me aproximei da Andreia e perguntei se poderia chamá-la no WhatsApp, porque tinha um enorme interesse em conhecer a Cultura de Baile, visto que, eu fiquei

¹¹ Este termo se refere a pessoa responsável pela apresentação das categorias, palavra de origem francesa que significa “cantar”.

encantada com todas as apresentações que tinha presenciado naquele evento. Ela ficou muito contente e foi muito gentil comigo, me disse que iria me chamar para passar a agenda dos próximos bailes.

Passado um tempo, não tive nenhum retorno da Andreia. Eu estava muito ansiosa e me arrisquei em chamá-la. Esse contato foi um divisor de águas na minha vida, mal sabia que esse diálogo mudaria a trajetória da minha pesquisa e por meio dela receberia um diagnóstico que me fariam compreender a minha vivência e os desafios que enfrentei durante a minha trajetória pessoal. Jamais imaginaria que, com essa troca de mensagens, seria formado um laço intenso de amizade que levaria para além da minha pesquisa de campo.

CONSTRUINDO REDES DE AFETO NA CULTURA DE BAILE

O relato acima é uma adaptação do meu diário de campo de 12 de dezembro de 2022. Este trecho possui percepções particulares que acrescentei posteriormente em minhas anotações, com isso trago a minha percepção de uma etnógrafa autista na cena da Cultura de Baile, na cidade de Goiânia/Go.

A minha intenção em trazer o trecho do meu diário de campo foi de relatar os meus primeiros contatos com a Cultura de Baile, a minha aproximação com as minhas interlocutoras e de demonstrar como é fazer pesquisa de campo sendo uma pesquisadora autista – nível 1 de suporte. Os meus relatos etnográficos possuem a minha experiência sensorial, visual, tátil e os desafios que tive em campo com a socialização, os sentimentos de inadequação e o suporte que tive para a realização da minha pesquisa.

Logo, quero demonstrar com esse artigo, um pouco do meu fazer etnográfico e da minha descoberta do diagnóstico em TEA, destacando as singularidades da minha pesquisa enquanto uma etnógrafa atravessada pelo marcador social da deficiência. Também pretendo destacar a sensibilidade e o suporte que tive das minhas interlocutoras e de suas redes de apoio social, que demonstraram uma sensibilidade ímpar para comigo. Desse modo, vivenciei amparo e solidariedade dentro da Cultura de Baile, evidenciando o cuidado da comunidade *Ballroom* para com as pessoas neurodivergentes.

Assim, no início do meu trabalho de campo – nas primeiras apresentações da Cultura de Baile, como essa que foi descrita no trecho de meu diário de campo, eu tentei de inúmeras maneiras me encaixar e me camuflar em meio a multidão. Todavia, com os estímulos sensoriais que as *Balls* possuem, não conseguia esconder meus desconfortos e minhas crises em campo. A recomendação

do meu orientador era de registrar as minhas impressões particulares em campo, assim como minhas angústias, ansiedades, medos e crises sensoriais, pois todos esses elementos também seriam potenciais para as minhas análises de campo.

Com o meu diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista – nível 1 de suporte, o autismo também se tornou o meu campo de estudos, juntamente com a Cultura de Baile. Durante a escrita da minha dissertação eu precisei unir as duas temáticas. Revendo meus escritos de diário de campo, minhas conversas com meu orientador e o apoio e diálogo com as minhas interlocutoras, percebi que a conexão entre os dois temas eram o acolhimento e as redes de suporte, que a todo momento estão presentes nos meus relatos de campo.

Logo, para a realização do que denomino de *etnografia autista* me inspiro na ideia de etnografias do particular de Lila Abu-Lughod (2018), autora que critica a expectativa de analisar e reconstituir exaustivamente no texto etnográfico do “todo” de um determinado contexto social. Para ela, devemos nos ater na etnografia às pessoas “de carne e osso” com as quais lidamos em campo, de modo a evitar generalizações e essencializações problemáticas frente a contextos em que múltiplos pontos de vista, não necessariamente coesos e coerentes, podem ser encontrados.

Assim, a fim de trazer as limitações do campo, os desafios e as experiências de realizar uma pesquisa sendo uma pessoa autista, trago a teoria da antropóloga Jeanne Favret Saada (2005) publicada em seu artigo “Ser afetado” (traduzido por Paula Siqueira). Em seu trabalho de campo, a antropóloga realizou uma pesquisa sobre a feitiçaria em Bocage francês. Neste seu trabalho, Favret Saada (2005) aborda as redes de afeto e sua participação nos encontros com os enfeitiçados e os desenfeitiçados. No início da minha pesquisa de campo, me recordo dos receios que possuía para me socializar, afinal eu estava naquele lugar para conhecer as/os integrantes das *balls*, criar vínculos e encontrar possíveis interlocutoras/es para a minha pesquisa.

Um dos conselhos do meu orientador, que me marcou e me trouxe uma nova perspectiva em relação a etnografia que eu estava produzindo foi a seguinte: “Deixa o campo falar”. Em outras palavras, por diversas vezes entramos em campo com perguntas prontas e objetivos bem delimitados, todavia, as conexões que criamos e os caminhos que trilhamos, por vezes, nos trazem indagações que antes não teríamos cogitado.

Por isso, me permiti “ser afetada” em campo e não somente isso, exerci um ato de coragem para transcrever para minha dissertação os momentos que estive em maior vulnerabilidade. Do mesmo modo, para a produção de uma *etnografia autista* realizei uma pesquisa que vai na contramão de diversas pesquisas, as quais não relatam os bastidores de um trabalho de campo. Tenho observado há um tempo que diversos trabalhos antropológicos têm apresentado

suas versões finais com os resultados do campo, todavia, não são narrados os percalços, os desafios, angústias que a/o etnógrafa/o enfrentou. Além do mais, as/os interlocutoras/es de pesquisa têm ocupado papéis de meros “auxiliadoras/es de campo” e não a função de protagonismo, pois em sua grande maioria, possuem contribuições primordiais para a realização de uma etnografia.

A antropóloga Favret Saada (2005) destaca os desafios que enfrentou em seu trabalho de campo e sobre seus receios com a técnica de pesquisa amplamente difundida para realizar uma etnografia: a observação-participante. Para ela, a observação traria um distanciamento com as/os interlocutoras/es, por outro lado, a participação trouxe um receio que a sua pesquisa fosse vista como uma mera aventura, conforme ilustra a antropóloga:

No começo, não parei de oscilar entre esses dois obstáculos: se eu “participasse”, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse “observar”, quer dizer, manter-me à distância, não acharia nada para “observar”. No primeiro caso, meu projeto de conhecimento estava ameaçado, no segundo, arruinado. (SAAD, 2005, p. 157)

De maneira semelhante, ocorreu com o meu trabalho de campo, devido a minha pesquisa se concentrar em duas temáticas aparentemente distintas: a cena da Cultura de Baile em Goiânia/Go e o Transtorno do Espectro Autista. Uma dúvida que pairava os meus pensamentos, era se eu fazia etnografia ou uma autoetnografia, visto que, em relação a Cultura de Baile, eu não performava nos eventos, não estava ligada a nenhuma *house*, nesse sentido era presumido que eu realizava uma pesquisa etnográfica. Todavia, no que diz respeito ao TEA, eu estava tratando sobre o meu diagnóstico e as minhas vivências, por esse lado estaria fazendo uma pesquisa autoetnográfica? No primeiro caso, meu trabalho estava abalado, no segundo, disposto.

Para sanar esses obstáculos, recorri a teoria de ambos os métodos. Para a pesquisa autoetnográfica analisei a tese de Anahí Guedes de Mello (2019) “Olhar, (não) ouvir, escrever: uma autoetnografia ciborgue”, o qual a antropóloga discorre sobre a sua deficiência auditiva, realizando uma paráfrase com os trabalhos de Donna Haraway (2009). Em sua tese de doutorado, Mello (2019) faz referência do seu aparelho auditivo com a definição de Haraway (2009) sobre a terminologia “ciborgue”: “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” (HARAWAY, 2009, p. 36).

Assim, a antropóloga teoriza e aplica a *autoetnografia ciborgue*. Com base em sua pesquisa de campo, Mello (2009) define que seu trabalho se refere a uma autoetnografia, por tratar de sua experiência em campo enquanto uma mulher surda. Desse modo, me via contemplada por essa

teoria, visto que, minha pesquisa se tratava da minha vivência e minha perspectiva de uma etnógrafa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista – nível 1 de suporte.

Contudo, para a antropóloga Ana Clara Damásio (2022), que pesquisava sobre as suas parentes interlocutoras em Canto do Buriti (PI), trazendo análises sobre as suas trajetórias de vida e sobre processos do curso da vida, a sua pesquisa se tratava de uma etnografia. Inclusive Damásio (2022), foi muito questionada sobre o seu posicionamento, precisando redigir um artigo “Isso não é uma autoetnografia!”, por sempre ser invalidada por pareceristas ao enviar trabalhos sobre o seu campo e receber avaliações no seguinte sentido: “O que você faz é uma autoetnografia!” (Damásio, 2022, p. 03). Em minhas análises, eu também concordava com o posicionamento de Damásio e percebia que minha pesquisa também se adequava a etnografia.

Em meio aos meus questionamentos, meu orientador me instruiu a levar essas ponderações a banca de qualificação, visto que, não havíamos encontrado uma solução. Foi então que o professor Dr. Camilo Braz¹² esclareceu minhas indecisões. De acordo com ele, a minha pesquisa era única da minha experiência em campo e das minhas vivências enquanto uma pessoa autista. Logo, eu faria uma *etnografia autista*, com isso, percebo que não faço pesquisa apesar de ser autista, mas sim, realizei uma etnografia sendo uma socióloga/antropóloga sendo uma pessoa autista.

Contudo, havia mais um incômodo, como conectar as duas temáticas aparentemente distintas? Foi quando eu tive um *insight* que tanto na cena da Cultura de Baile, quanto nas relações que desenvolvi com minhas interlocutoras havia o enredo do acolhimento. A Cultura de Baile se desenvolve como ponto de acolhimento a pessoas LGBTQIAPN+, conforme desenvolve Icaro Ribeiro da Silva (2022), por meio de seu trabalho “Narrativas de bixas e travestis pretas: teorias e a Cultura de Baile na Grande Goiânia”:

Surge no Harlem [Nova Iorque, Estados Unidos], onde esses sujeitos organizavam *balls*. Uma mescla de competição e festa, onde os candidatos caminhavam em categorias de moda, beleza e performance. E além das *balls* havia as *houses*, famílias constituídas por vínculos afetivos que foram elaboradas como espaço de acolhimento para jovens. Houve um processo de expansão que possibilitou a chegada da Cultura *ballroom* em território goianiense. A pauta social ainda existe e resiste de forma intensa nos espaços onde a Cultura se manifesta. Sendo palco destes corpos interseccionados e de sujeitos que não correspondem às expectativas da heterossexualidade e binariedade de gênero. (SILVA, 2022, p.14)

¹² Agradeço ao professor pelas contribuições em minha dissertação e pelo privilégio de ser sua estagiária docente no mestrado em Sociologia e no doutorado em Antropologia Social.

De maneira semelhante, como uma pessoa neurodivergente, também senti o acolhimento por parte das minhas interlocutoras, que realizaram assim, como integrantes da Cultura de Baile, um duplo acolhimento para o meu caso. Durante a minha pesquisa de campo, tive crises sensoriais, por conta dos inúmeros estímulos sensoriais do local, vivenciei inúmeros questionamentos sobre a minha sexualidade e identidade de gênero, fui diagnosticada com TEA, dentre outras questões. Em cada uma dessas situações, a Andreia esteve ao meu lado, não como interlocutora, mas como amiga, visto que a nossa relação se transformou ao longo do campo.

Por isso, vejo que a minha posição de permitir “ser afetada” e não esconder as minhas vulnerabilidades às minhas interlocutoras ou na minha dissertação, me permitiu trilhar caminhos antes não vislumbrados em pesquisas de campo de etnógrafos autistas. Conforme a antropóloga Suzane de Alencar Vieira discorre em seu artigo “Força e Vulnerabilidade: lições de etnografia e de feitiçaria de Jeanne Favret-Saada”:

Ser afetado/a envolve um processo de entrecaptura segundo o qual a/o etnógrafo/a é capturada/o por práticas e forças que a/o atravessam durante a experiência de campo que, posteriormente, serão capturadas ou apropriadas por ela/ele como vetor de criatividade e de renovação de conceitos, pressupostos, concepções e práticas que medeiam a pesquisa. (VIEIRA, 2021, p. 12)

Assim como fui atravessada pela experiência de campo, a minha vivência foi modificada após as redes de contato, os diálogos e questionamentos que experimentei na Cultura de Baile, na cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás. Me recordo com muito carinho de uma fala do professor Dr. Camilo Braz: Não é possível sair do campo da mesma forma que entramos e é exatamente o sentimento que carrego após a minha pesquisa de campo.

Para finalizar, trago a última conversa que tive com minha interlocutora Andreia, no final do ano de 2024. Na época, eu já havia terminado o meu mestrado em Sociologia e estava cursando o Doutorado em Antropologia Social na UFG. Em nossa conversa, eu estava relatando as mudanças que ocorreram na minha vida e a minha saída do armário como uma pessoa LGBT. Com a sensibilidade que somente a Andreia possui, ela proferiu a seguinte frase: “Fico feliz por você, amiga e é um prazer te conhecer novamente!”

Essa frase me marcou profundamente, visto que, com a minha pesquisa de campo, estabeleci redes de afeto que me marcaram e vivenciaram comigo as minhas conquistas e resoluções de conflitos que me “assombravam” há anos. Entre essas redes, está a Andreia que entre os desafios de uma pesquisa de campo, me apresentou seu cuidado e apoio para comigo, uma pesquisadora autista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No encerramento deste artigo, quero expressar a minha gratidão com as minhas interlocutoras de campo. O suporte que recebi na Cultura de Baile em meio às crises sensoriais, *shutdowns*, *meltdowns* e vulnerabilidades, tornaram a minha pesquisa exequível. Logo, não há uma maneira de realizar uma etnografia, não existem manuais ou regras de conduta que devem ser seguidas rigorosamente. Seria autoritário e presunçoso de minha parte propor métodos e técnicas inflexíveis para o desenvolvimento de etnografia. Me arrisco a sugerir uma única recomendação: que novas/os pesquisadoras/es se deixem afetar pela pesquisa, com a simplicidade e honestidade para “deixar o campo falar”.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. **A escrita contra a cultura**. Equatorial, v. 5, n. 8, jan/jun 2018.
- DAMÁSIO, Ana Clara. **Isso não é uma autoetnografia!**. Mediações-Revista de Ciências Sociais, p. 1-14, 2022. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/46479>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- FAVRET-SAADA, Jeanne; SIQUEIRA, Paula. **“Ser afetado”**, de Jeanne Favret-Saada. Cadernos de Campo (São Paulo-1991), v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.
- HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**. Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2000.
- JANUÁRIO, Brendaly Santos de Freitas. **Entre Mães, Filhas, Casas e Autismo: uma etnografia autista da cena da Cultura de Baile/Ballroom em Goiânia/GO, sob o olhar de uma socióloga no Espectro Autista**. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/a6ae2c13-0f10-41f5-ac65-e0ac10c4efbc>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- MELLO, Anahí Guedes de. **Olhar, (não) ouvir, escrever**: uma autoetnografia ciborgue. Tese de Doutorado em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/215355/PASO0498-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 ago. 2023.
- SILVA, Icaro Ribeiro. Narrativas de bixas e travestis pretas: teorias e a cultura de baile na grande Goiânia. 2022. 143 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12129>. Acesso em: 08 jun. 2023.
- VIEIRA, Suzane de Alencar. **Força e vulnerabilidade**: lições de etnografia e feitiçaria na obra de Jeanne Favret-Saada. MANA (RIO DE JANEIRO. ONLINE), v. 27, p. 1-26, 2021.